

O Estudo Alienado

Rubens Vinícius da Silva*
Diego Marques Pereira dos Anjos**

Introdução

A ressignificação do termo alienação feita por Karl Marx apreendeu o fundamento concreto deste conceito nas relações sociais. A alienação surge nas relações de produção, na alienação do trabalho característica da sociedade capitalista. Ao expandir a alienação para outras esferas da vida social, também a atividade de estudo passa a ser absorvida pela dinâmica de alienação, isto é, de perda do controle, de perda de si, de dominação por outrem. O objetivo deste artigo é resgatar a contribuição de Karl Marx sobre o conceito de alienação, retomar sua discussão na sociedade contemporânea e, por fim, indicar como este processo ocorre especificamente através da atividade de estudo.

Trabalhadores e estudantes

O estudo da alienação e a alienação do estudo são duas realidades da sociedade capitalista¹. Surgem por causa da alienação do trabalho que existe na relação entre a classe burguesa e o proletariado e outras classes exploradas. O estudo da alienação foi alterado profundamente por Karl Marx ao ressignificar a alienação como manifestação concreta das relações de trabalho, existindo em diferentes sociedades de classes e que na sociedade capitalista expressa o poder de controle e apropriação do processo de trabalho por parte do capital. A partir daí a alienação como relação social capitalista se generaliza para outras esferas da vida social para além das relações de trabalho. Por conseguinte, ela também se alastrou para o conjunto das instituições de educação, afetando profundamente os estudantes.

Pode-se dizer que dois tipos de atividades sociais ocupam bem mais que a metade da população de uma cidade qualquer na era moderna: o trabalho e o estudo alienados, que abrangem tanto o conjunto dos trabalhadores produtivos (referimo-nos aqui ao proletariado, conjunto dos trabalhadores que produzem o mais-valor apropriado pela burguesia) quanto

* Bacharel em Direito pela Uniasselvi/Fameblu. Licenciado em Ciências Sociais pela FURB, Fundação Universidade Regional de Blumenau - SC. Mestrando em Sociologia pela UFG, Universidade Federal de Goiás.

** Mestre em Ciências Sociais pela Unesp/Marília. Doutorando em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA/UnB). Professor de História no IF Goiano – Morrinhos.

¹ Agradecemos especialmente aos apontamentos e comentários elucidativos de Nildo Viana na elaboração deste trabalho, revisando ideias e orientando o modo de abordagem do tema.

os trabalhadores improdutivos (ou seja, o conjunto daqueles que trabalham no processo de consumação de mercancias, realizado no âmbito das formas sociais burguesas). No entanto, existem diferenças essenciais entre os dois grandes agrupamentos humanos que se criam em torno destas atividades, apesar de que por semelhanças existenciais ambos os grupos venham a estar intimamente vinculados². São eles os trabalhadores e estudantes: os primeiros, numa situação permanente, que é marcada pela condição de classe, e os segundos, em situação temporária, marcada pela condição do grupo estudantil. Esta é a primeira grande diferença entre trabalhadores e estudantes, a diferença qualitativa entre as situações que cada um está inserido. Nos chamados horários de pico, isto é, horários com maior movimentação de pessoas pelas ruas, observamos trabalhadores e estudantes amontoados em ônibus, engarrafados em seus carros, transitando pelas calçadas de diferentes lugares da cidade, etc. Na maioria das vezes, uma escola ou ambiente de trabalho são os destinos de longas horas durante o dia, em todos os dias da semana. Esta é uma segunda grande diferença entre trabalhador e estudante, a instituição a que pertencem, local de trabalho ou local de estudo, sendo esta uma diferença institucional.

A divisão social do trabalho envolve a totalidade dos indivíduos de uma sociedade. Na produção capitalista há a tendência crescente de parcelamento e especialização do trabalho, aprofundando as divisões dentro do trabalho manual e trabalho intelectual: este processo se generaliza para além dos locais de produção dos bens necessários à vida, assimilando os trabalhos não produtores de mais-valor, estimulando a criação de inúmeras especialidades de trabalho improdutivo, as quais geram lucros. Pode-se dizer que na divisão do trabalho também entra a divisão dos que estão sendo preparados para o trabalho, no caso os estudantes.

A terceira grande diferença entre trabalhadores e estudantes está em que ao passo que as classes trabalhadoras tendem a se constituir como bloco homogêneo, apresentando variações que não se opõem entre si (proletários, trabalhadores dos serviços subalternos³,

² A compreensão dialética da questão da essência e existência foi apresentada por Nildo Viana em *Movimentos Sociais e Movimentos de Classe: semelhanças e diferenças*.

³ Os trabalhadores do setor de serviços, comércio, limpeza, segurança, bem como os demais trabalhadores das formas sociais burguesas formam os subalternos. Isso porque se encontram subordinados à forma da mercadoria e envolvidos no processo de consumação de mercanciais: devido a esta condição de classe, geram lucros para os detentores do trabalho alheio. Para o estudo da mercantilização das relações sociais ver a análise de Nildo Viana em *A mercantilização das relações sociais: modo de produção capitalista e formas sociais burguesas*. (VIANA, 2016).

lumpemproletários⁴ – à exceção de parte do lumpemproletariado que não consegue ao menos sobreviver com os trabalhos mais degradados que lhes sobram e optam pelo crime, charlatanismo), dentro do grande grupo dos estudantes há uma formação policlassista que conforma forma um bloco heterogêneo, tendo em vista as distintas posições que alcançarão na divisão social do trabalho, desde a produção, o controle e a apropriação do trabalho. Notam-se diferenças, tais como o estudante filho da família burguesa é preparado para ser um não-trabalhador que expropria o trabalho de outro, ou um trabalhador improdutivo no futuro, pertencente à classe exploradora na divisão social do trabalho. Esta tendência se repete com os filhos das classes auxiliares, intelectualidade e burocracia, que conformam importante parcela do grupo estudantil nas universidades. Apesar da heterogeneidade interna, considerando escola e universidade, existe a uniformização de ideias e comportamentos, presentes na escola e no universo acadêmico, que tem a flexível capacidade de submeter os indivíduos de diferentes classes sociais. Estas diferenças essenciais configuram situações distintas para os trabalhadores e estudantes: enquanto os primeiros encontram-se numa situação de classe social, os segundos estão numa situação de grupo social, que marca a unidade na diversidade no grupo estudantil.

A impressão cotidiana de que o estudante de hoje é o trabalhador de amanhã é uma realidade, na medida em que esses dois grupos na sociedade capitalista alimentam e contribuem (a cada nova geração) para o processo de valorização do capital. O trabalhador na geração presente e o estudante na geração futura, ainda que vimos que na heterogeneidade estudantil a inserção do estudante na divisão do trabalho se dê com posições diferentes, quer seja na produção, controle ou apropriação do trabalho. A força de trabalho é uma mercadoria: como tal, tem seu valor medido pelo *quantum* de trabalho socialmente necessário para a sua realização. Ou seja, se sua realização se dá como consumo por um capitalista, é necessário que o objeto consumido exista em condições de se reproduzir. Para existir a mercadoria força de trabalho, o “indivíduo vivo” é o seu pressuposto e este precisa de alimentos, habitação, vestuário e outras necessidades básicas satisfeitas. Na sociedade capitalista, a obtenção dos meios de vida se dá por meio do trabalho alienado ao capitalista, que lhe extrai um mais-valor e outras formas secundárias de exploração, e em troca o trabalhador recebe um salário

⁴ Lumpemproletariado é uma classe social específica surgida no capitalismo, sendo sua condição de classe marcada pela marginalidade da divisão do trabalho. Seu modo de vida é marcado pela pobreza e por não ter como fonte de dinheiro a divisão de trabalho. O desenvolvimento contemporâneo da teoria sobre o lumpemproletariado foi esboçado por Nildo Viana, na obra A teoria das classes sociais em Karl Marx.

(MARX, 1985). O tempo médio de trabalho para obter esses meios de vida é o valor médio da força de trabalho, pago em determinada quantia de dinheiro⁵.

O diferencial da força de trabalho como mercadoria, diz Marx, é que por oposição às outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho também contém “elementos históricos e morais” que entram no cálculo do seu valor. Isto porque o alcance dos meios de vida se altera conforme a época, o desenvolvimento da sociedade, os meios disponíveis de satisfação das necessidades, as formas de distribuição, as lutas em torno da distribuição do trabalho e dos seus produtos. Também a luta de classes, em todas as suas formas de manifestação, interfere na definição do valor da força de trabalho: a experiência histórica de luta entre as classes exploradas e exploradoras determina os níveis da exploração.

No processo de trabalho o indivíduo está objetivando sua força de trabalho como “complexo das capacidades físicas e espirituais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um ser humano, e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer espécie” (MARX, 1985, p. 139), e dado que o trabalho é social, as capacidades físicas e espirituais também são: ou seja, são desenvolvidas em sociedade.

O dispêndio das capacidades fisiológicas (músculo, nervos, visão, etc.) é realizado e adaptado conforme a dinâmica das relações de trabalho e do desenvolvimento dos meios de produção; as capacidades espirituais são os saberes, a cultura, as ideias que são transmitidas de geração em geração e de que dispõem a força de trabalho. Desde a criação da escola nas sociedades escravistas da antiguidade, este foi o espaço por excelência do saber especializado, o que na sociedade capitalista se consolida e é aperfeiçoado, posto que o saber e o saber especializado foram adaptados às determinações da razão instrumentalizada, aos interesses da produção capitalista. Assim, o conceito de saber especializado remete ao conjunto de atividades mentais (intelectuais, ‘espirituais’) necessárias à reprodução de um ramo da divisão social do trabalho no capitalismo, ou seja, um saber específico vinculado à reprodução das relações sociais capitalistas. Logo, na medida do valor da força de trabalho, entram diversos elementos que variam com a sociedade, com a época. Dentre estes

⁵ Além da exploração capitalista (apropriação do mais-valor, trabalho produtivo) e de formas de exploração secundária (caso do campesinato), existe a subalternização que é a expressão do trabalho improdutivo alienado, fundada na apropriação de mais-dinheiro, e criando os trabalhadores subalternos. O capital mercantil (capitalista que realiza a consumação de mercancias) surge nas relações de distribuição capitalistas (“mercado”) e nas formas sociais (formas de regularização das relações sociais: estado, igrejas, partidos, ong’s, etc.).

elementos, enfatizamos aqui a educação formal, como parte das capacidades espirituais dos indivíduos, como habilidade posta em movimento para a realização da produção de qualquer valor de uso. Sendo a escolarização um elemento a ser considerado na formação do valor da força de trabalho, passa a existir um forte vínculo no processo de existência concreta entre estudantes e trabalhadores. Tal vínculo varia conforme o nível de ensino e a posição da classe na divisão social do trabalho, processo que é reforçado pela especialização do trabalho dentro de relações sociais de produção baseadas na extração de mais-valor. O conhecimento de que dispõe a força de trabalho é em sua grande medida custeado pela parcela do mais-valor global da qual o Estado se apropria. Contudo, o avanço da mercantilização do ensino interfere nesse quadro: isso porque determinadas frações do capital (como o capital mercantil das escolas privadas, investido no sistema de ensino), querem aumentar sua parcela na participação desse serviço. Por outro lado, outras frações do capital querem manter a gestão estatal da educação. Aqui temos manifesta uma disputa entre frações do capital e a forma atual do Estado (neoliberal). Tal disputa interfere na composição do grupo estudantil, tal como recentemente se assistiu no Brasil a expansão precarizada do ensino superior

Mas além de contar na formação do valor da força de trabalho, a educação também é a preparação para viver em sociedade, prepara para a sociabilidade, direciona a assimilação de um conjunto de comportamentos e valores pelos indivíduos. A educação é a preparação para o trabalho, é preparação para a vida em sociedade. Logo, a educação (e a sua atividade, o estudo) é perpassada pela divisão de classes e conflitos de interesses existentes na sociedade capitalista.

Trabalhadores e estudantes estão vinculados através da renovação da força de trabalho, sendo que os estudantes serão os trabalhadores do futuro sob novas condições de acumulação de capital, sob novos métodos de extração de mais-valor da força de trabalho. Desta forma, se o produto futuro está destinado a assumir determinada forma, no caso da sociedade capitalista a forma do trabalho alienado, também o desenvolvimento do processo contém as tendências de sua realização, do produto final. O estudo na sociedade capitalista assume a forma da alienação, isto porque o processo de alienação que surge com o trabalho alienado é generalizado para toda a sociedade.

O estudo da alienação e a alienação como relação social

Como dissemos anteriormente, o estudo na sociedade capitalista surge como estudo alienado porque a alienação que surge no trabalho é generalizada para todas as esferas da

vida social. E este fenômeno ocorre devido à generalização da mercantilização e da burocratização das relações sociais, que são elementos fundamentais para a existência da sociedade capitalista ao lado da competição social. A mercantilização é expandida porque subordina todas as esferas da vida social à obtenção de lucros, ao cálculo mercantil. Perder o controle sobre os meios de vida significa ter o consumo mediado pelo dinheiro, o equivalente universal de todas as mercadorias. A burocratização é a forma de dominação necessária para o controle da força de trabalho proletária no processo de produção de mercadorias no capitalismo: em virtude da relação de perda, que significa a exploração do trabalho, deve existir para manter o perdedor, o explorado em sua condição. Com a consolidação do estado e das demais organizações burocráticas (como a escola e a empresa capitalista) o processo de burocratização das relações sociais se expande e se complexifica, uma vez que a mercantilização reforça a burocratização e vice-versa. Portanto, a burocratização e a mercantilização são inerentes às relações de classe no capitalismo, porque emergem nas relações de produção, nas quais se constituem as classes fundamentais de um modo de produção classista. E o que mantém a exploração e dominação da classe capitalista? O trabalho alienado.

O trabalho alienado foi compreendido e expresso teoricamente por Karl Marx (2010). Na disputa pelo significado das palavras, a concepção marxista da alienação remete para as relações sociais de produção e para a sua organização historicamente constituída, tendo como características: a) surgimento na sociedade de classes; b) controle do trabalho do trabalhador por outro, o não-trabalhador; c) o trabalhador perde o controle sobre os produtos, sobre o resultado do seu trabalho; d) na sociedade capitalista a alienação do trabalho é a determinação fundamental para o fetichismo da mercadoria, que é quando as coisas parecem ter vida própria, “começam a dançar por iniciativa própria”, isto porque a forma mercadoria é carregada pelo seu “caráter enigmático”.

A mercadoria reflete para os homens as características sociais do seu trabalho como características objetivas, próprias do produto do seu trabalho, e não expressão real do que é, trabalho humano, por isso as mercadorias assumem a “forma fantasmagórica entre coisas” (MARX, 1985, p. 71). O fetichismo da mercadoria reflete na consciência do trabalhador a aparência de que a mercadoria tem autonomia, vida própria: ao invés de aparentar ser o produto do trabalho humano, parecem que mantêm relações entre si e com os seres humanos. Na sociedade moderna, a classe capitalista controla o processo de trabalho, os produtos do

trabalho e a consciência sobre o conjunto das relações sociais (MARX, 1985; MARX & ENGELS, 2007; VIANA, 2012).

Com a constante ampliação da divisão do trabalho, que é uma tendência do modo de produção capitalista, o trabalho alienado é generalizado para todas as formas de trabalho submetidas ao capitalismo. Em resumo, a alienação é uma relação social originada nas relações de trabalho, onde o trabalhador não controla sua atividade, ficando sob domínio do não-trabalhador, o capitalista, sendo que este por consequência também controla os produtos do trabalho. Porém, a alienação é generalizada para as demais atividades produzidas no interior da sociedade capitalista. Isto ocorre devido à crescente mercantilização e burocratização nas relações sociais, colocando como traços característicos da sociedade capitalista a direção e o controle, a perda e a exploração.

O trabalho alienado gera o processo de alienação, que é o não-controle e a perda do produto de todas as atividades da vida social. Este processo é complementado pela burocratização que existe para garantir a exploração via aumento do controle social e das organizações burocráticas, fundadas na relação social entre dirigentes e dirigidos. A burocratização existe para reproduzir e garantir a exploração no processo de trabalho (VIANA, 2012). E por isso se generaliza na sociedade, inclusive no processo de socialização, especialmente na escolarização, pois esta prepara o indivíduo para viver na sociedade capitalista e para o trabalho alienado.

A Alienação do Estudo

A alienação surge nas relações de produção e é generalizada para outras atividades sociais: na política o indivíduo que não participa do processo de decisão e tem o poder de decisão retirado, no universo cultural moderno que o indivíduo não tem controle sobre suas representações culturais, enfim, em toda atividade social em que os indivíduos não têm controle sobre a atividade e têm os resultados de suas atividades apropriados por outrem.

A determinação de classe da escola/universidade, que é a preparação da força de trabalho, juntamente com o processo de alienação crescente na sociedade, devido à mercantilização e os mecanismos de controle, imprime no estudo a alienação, transformam o estudo em atividade de alienação do estudante. A alienação do estudo transforma a atividade genérica de busca do saber em uma atividade massacrante, desumana, de mortificação para o indivíduo que está na condição estudantil. Isto ocorre porque a sua

atividade é controlada e pertencente a outro. O estudo se torna, para o estudante, “a perda de si mesmo”. Daí que o estudo e o estudante são constringidos a reproduzirem a sociedade. Neste sentido, o caráter alienado do estudo é determinação para a presença maior do conservadorismo entre os estudantes, a presença um pouco menor dos estudantes progressistas, comparada com outras parcelas da população, bem como a presença marginal dos estudantes com concepções revolucionárias. A expansão da alienação gera a luta contra a alienação, e esta se revela no meio estudantil.

O estudo é a atividade intelectual de busca de aquisição e desenvolvimento do saber. Nas sociedades pré-capitalistas esta atividade intelectual apareceu primeiramente sob controle dos sacerdotes que dirigiam os Estados Antigos (Antiguidade Tardia, com egípcios, babilônicos, chineses e nas três grandes civilizações pré-colombianas da América) e, depois, com a direção propriamente civil do Estado (gregos e romanos são os principais exemplos da Antiguidade), o estudo foi ampliado para outros grupos, o que está presente em diversos conflitos registrados na história antiga em diferentes cidades, mas que foi mais completamente expressado na disputa entre a mitologia e a filosofia. Na Idade Média Europeia ocorre novamente a subordinação do estudo à religião.

Na sociedade capitalista, o estudo descobriu a chave para se libertar de todas as suas antigas correntes (teológicas, filosóficas, tradições, políticas) para poder livremente aprisionar-se ao desenvolvimento do capital. Ao longo da história do capitalismo, a escola e a universidade constituíram-se como lugares próprios, como especificidades (diferente de outras esferas da vida social como religião, lazer, política, trabalho, etc.), cujos interesses próprios, dentre eles o fundamental é o saber, é que justificam a sua existência.

Na sociedade moderna, o estudo geralmente é mediado por instituições, especialmente a escola, mas também instituições financiadoras, sociedades de acadêmicos, grupos profissionais. O estudo desenvolve-se em instituições e organizações burocráticas, assimilando os indivíduos às suas normas de funcionamento. E o princípio básico da organização da instituição escolar em todas as sociedades, a divisão entre professor e alunos, é plenamente desenvolvido sob a alienação capitalista. Nesta sociedade surge o estudo alienado como atividade intelectual que visa à aquisição do saber, porém, como estamos apontando, a busca pelo construto conhecimento inexistente⁶: o que existe é o constringimento

⁶ O termo conhecimento é por nós rechaçado por se basear na separação entre “sujeito” e “objeto” do conhecimento. O conhecimento é um construto, um falso conceito, que deforma a realidade ao invés de expressá-la. Nas abordagens das ciências humanas, o conhecimento é tido como um produto que pode ser

pelo acúmulo de saberes especializados, necessários à reprodução das relações sociais capitalistas. É isso que está por detrás da ideologia do conhecimento, que separa o sujeito e o objeto do conhecimento, promovendo a inversão da unidade concreta e real entre ser e consciência (MARX & ENGELS, 2007). A busca pelo saber marca a realização de uma potencialidade humana, expressando a luta contra a desumanização e fragmentação do ser humano promovida pela divisão capitalista do trabalho intelectual, na linha do que Marx chamou de idiotismo da especialização, referindo-se à expansão e complexificação da divisão do trabalho.

O estudo alienado é derivação do trabalho alienado que funda a sociedade capitalista e, por sua vez, o estudo alienado reforça a formação do trabalhador alienado do futuro. O que é então a alienação do estudo? É uma relação social, na qual o estudo não pertence ao estudante e é controlado por outro e, por consequência, seus resultados só imediatamente podem lhe satisfazer, pelo fato de que a atividade intelectual alienada, o estudo (produção e reprodução de ideias, conhecimentos, práticas, representações, etc.) deve pertencer à instituição ou retornar à sociedade sob a forma de serviço ou produto a ser vendido no mercado. O conjunto da atividade não satisfaz o estudante, justamente por ser controlada e porque nela o estudante não se reconhece. O desenvolvimento das capacidades espirituais do indivíduo é direcionado, tolhido, mutilado, especializado e, por isso, limitado. Ao invés de desenvolver-se como ser humano, o indivíduo se apequena diante do controle dos estudos e demais formalidades que lhe acompanham. A alienação do estudo é acompanhada de diversas consequências:

* Enquadramento: imposição de linguagem, de comportamento, de pensamento, uniformizando o modo de estudar, ou seja, cria a ideia do “estudante-padrão”, o estudante modelo, aquele que se assemelha o máximo possível com os professores;

acumulado pelo “sujeito que conhece” em suas relações com um ou mais “objetos”. Tal procedimento não parte das relações sociais concretas e se fundamenta na separação entre ser e consciência. O saber especializado (no caso do trabalho intelectual) é o conjunto de ideias, representações e formas de pensamento complexo necessários para a reprodução de um trabalho intelectual especializado. Todo este processo é produto do aumento e complexificação da divisão capitalista do trabalho intelectual e, por conseguinte, das relações de produção capitalistas. A separação entre sujeito e objeto do conhecimento é produto das disputas no interior da esfera científica via ação da intelectualidade, isto é, dos especialistas na produção e reprodução de ideologias. Por outro lado, o saber autêntico aqui entendido só pode ser a expressão de ideias, representações e formas de pensamento complexo que partem da perspectiva do proletariado. A luta contra o saber especializado gera a busca pelo saber autêntico. O saber autêntico está vinculado à luta cultural pela autoemancipação humana e é produto dos intelectuais engajados. Estes últimos, por ter compromisso com a verdade e não possuir vínculos e interesses na reprodução da sociedade capitalista, efetiva a crítica das produções intelectuais burguesas, contribuindo assim com o desenvolvimento da consciência humana e para a luta pela transformação social.

* Cronograma de leituras pré-estabelecido e impositivo: O pensamento hegemônico dentro de cada campo do saber, dentro de cada profissão é imposto aos estudantes, que sem condições de propor alternativas (devido à sua formação no interior da sociedade burguesa, a hegemonia do pensamento burguês, a pouca formação individual, dentre outros motivos) acabam por submeter-se ao processo de enquadramento;

* Pouco ou nenhum nível de reflexão: uma vez que o estudo alienado se expressa na aquisição e reprodução de saberes indispensáveis à manutenção da sociedade capitalista, qualquer questionamento realmente crítico, que vá à raiz dos problemas e além dos limites estabelecidos pelo capitalismo tende a ser mal visto e rejeitado, tanto pelos estudantes quanto pelos intelectuais (professores);

* Submissão do estudante: aceitação de recompensas (bolsas, auxílios, etc.) e promessas de estudo e condições de trabalho menos precárias (melhores empregos, salários mais altos, cargos, etc.);

* Estimula o “entesouramento” do saber: o “conhecer por conhecer”, a acumulação em si de conhecimento, o que no fundo é um conhecimento com maior quantidade de informações sobre poucas ou somente uma coisa. Aqui se revela a função ideológica por detrás do signo conhecimento, o qual, assim como o capital, poderia ser acumulado; neste sentido, ressurgem a famosa questão: para quem serve a ideologia burguesa do ‘acúmulo de conhecimento’?;

* Quantificação do saber: provas, exames, testes, bancas, etc.;

* Objetificação: produz resultados materiais compatíveis com a expectativa de sucesso e competição: concursos, processos seletivos, relatórios, prêmios, citações, trabalho privilegiado e quando finalizada a formação do estudante, o profissional responsável pela “aplicação do conhecimento”, produzindo serviços e novos produtos;

As determinações do estudo alienado atingem desde as crianças com preparação para a rotina do trabalho (técnicas simples, rotina, disciplina, etc.) até os jovens e adultos no âmbito universitário e suas promessas de melhor posição na divisão do trabalho. Por consequência, o “conhecimento” que se adquire ao longo do estudo alienado é o mesmo da razão instrumental e funcional à dinâmica da produção capitalista. Desta forma, o estudo alienado contribui para a produção, reprodução e sociabilidade nesta sociedade.

Sob essas condições, o estudante alienado foge do estudo alienado como o trabalhador foge do trabalho forçado e alienado. Ainda que o estudante possa “fugir mais”,

por não ser daí que provêm seus meios de sobrevivência e porque muitos vivem do trabalho alheio (família), então podem ser mais rebeldes, tanto em relação aos estudos, quanto ao resto das responsabilidades civis impostas aos adultos. A grande questão é que a atividade de estudo não é controlada pelo aluno, bem como os seus resultados ficam sob o controle do professor, do orientador, do departamento, das instituições de fomento à pesquisa, dos eventos acadêmicos. Tal dinâmica se encerra com a inserção do estudante no processo de divisão social do trabalho, na instância do conjunto das relações de produção e/ou reprodução capitalista.

E na sua situação alienada, o estudante é apequenado diante do estudo alienado, situação que é acompanhada pela competição que se dilui nas relações dentro dos muros das escolas e universidades. Por muitas vezes o estudante se sente feliz no seu mundo submisso, já que ele respira o ar intelectual e acadêmico. Por isso uma parcela dos estudantes reproduz o intelectualismo e academicismo, que são a valorização do estudo alienado e dos saberes essenciais à reprodução da sociedade capitalista. Assim, alguns estudantes se sentem felizes na sua submissão.

O processo de mercantilização do ensino, na forma de mercancia⁷, é o desdobramento necessário do estudo alienado, e é responsável pela intensificação da competição entre os estudantes. O saber específico que o estudante aprende e o professor transmite é engolido pela dinâmica de obtenção de lucro, daí que o acúmulo de “tempo de estudo” é mais ou menos correspondido à alta remuneração, posições privilegiadas. O intelectualismo e o academicismo são posições extremadas de autovalorização da atividade específica do grupo, e funciona tanto para a obtenção de status social quanto de benefícios materiais decorrentes de uma posição privilegiada no interior da sociedade.

Os efeitos na consciência do estudante são diversos. Primeiramente, parece que o saber e os seus resultados materiais têm vida própria: assim, os estudantes curvam-se diante de ideologias, “tecnologias”, posições privilegiadas e benefícios materiais, tidos como seres com vida própria, e que o estudante não reconhece na atividade de estudo como atividade produtora desses seres autônomos. Em segundo lugar, os estudantes introjetam as ideias do

⁷ Mercancia é o conceito esboçado e utilizado por Nildo Viana para analisar a consumação de serviços que geram lucro no capitalismo, mas não são bens materiais, mercadorias, no sentido da produção capitalista de valor, sendo que as mercancias são consumadas no âmbito das relações de distribuição e relações de reprodução burguesas. Para a explicação detalhada deste conceito ver o capítulo A Mercancia, no livro A Mercantilização das relações sociais, de Nildo Viana.

saber escolar, reproduzindo-as: estes são guiados, dirigidos pelos seus conhecimentos. Assim, ao invés de lhes utilizarem como instrumentos de transformação, o estudo e as ideias são adorados, se tornam instrumentos de reprodução e incorporação à sociedade.

É motivada por esta situação alienada que em 1968 os estudantes parisienses escreveram nos muros: “Os estudantes são crápulas”. Os estudantes também são parte do problema, principalmente a maioria conformista e conservadora, bem como os progressistas. A condição estudantil é marcada por ambiguidades, pois ela reproduz as condições da sociedade capitalista, notadamente, a condição do trabalho alienado, em sua expressão como estudo alienado.

Em resumo, o estudo é alienado porque não é controlado pelo estudante, ele não define o que vai estudar, como estudar, etc., e é controlado através de horários, sistema de exames, presença, etc. Logo, ele não controla o resultado de sua atividade, que não é mercadoria, mas ideias, que são colocadas nas provas – a partir do ensino do professor, tema e conteúdo ministrado e decidido pelo professor, para agradar o professor, etc. Embora no caso dos estudantes há menos controle e dependendo do contexto (universidade, professor, conjuntura, etc.) pode haver maior ou menor liberdade, ou quando há convergência entre professor/estudante – em casos individuais, pois numa turma ou sala de aula a heterogeneidade de estudantes impede isso na totalidade. E dada as condições atuais, a libertação do estudante somente pode ocorrer com a libertação da sociedade do trabalho alienado. Apesar da sua inserção nas relações sociais capitalistas, cresce a parcela dos estudantes que identifica o objetivo de transformação revolucionária dos trabalhadores como também sendo seu objetivo. No novo ciclo de radicalização das lutas sua participação deverá ser estratégica e defendendo os interesses das classes trabalhadoras.

Considerações finais

Alienação é a relação social de controle e perda; quem é controlado é dominado, e quem perde algo foi explorado. A alienação é generalizada devido à expansão da mercantilização, pois quem perdeu o produto do seu trabalho só readquire os meios de vida por meio da compra. E por outro lado, é generalizada porque há a necessidade de dominação e de controle. Devido à mercantilização das relações sociais e especialização dos mecanismos de controle, a alienação como relação social de controle e de perda é generalizada para o conjunto da sociedade. Com isso, atinge a condição estudantil, gerando

a alienação estudantil, bem como fornece as condições de possibilidade para diversas formas de luta contra esta relação social.

Referências bibliográficas

MARX, Karl. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

VIANA, Nildo. A alienação como relação social. In: *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/UnU Iporá*, v. 1, n. 2, p. 23-42 – jul./dez. 2012.

_____. Movimentos Sociais e Movimentos de Classe: semelhanças e diferenças. In: *Revista Espaço Livre*, Vol. 11, nº 22, jul./dez., 2016, pp. 23-42.

_____. *A Mercantilização das Relações Sociais: modo de produção capitalista e formas sociais burguesas*. Rio de Janeiro: Ar, 2016.